

## Um novo modo de ser (inclusive migrante): Flexi-existência “just in time”

**J**á sabíamos que o migrante dos tempos modernos dos últimos 500 ou reforçadamente nos últimos 150 anos tem passado por um processo irreversível de mobilização do trabalho. Todo o processo de modernização é um processo de mobilização geral. Pouco a pouco, mesmo territorialmente diferenciado e conforme as graduações da inserção nos mecanismos do mercado, todos se tornavam migrantes potenciais, disponíveis naqueles lugares onde a lei da concorrência exigia e atraía a sua presença. Os exércitos de reserva estavam, e estão ainda, subordinados à indiferença do movimento da valorização perante o seu conteúdo material, ao caráter do fim-em-si-mesmo da produção capitalista e à onipresente separação de esferas da vida. O fetiche da mercadoria escondia as causas mais profundas atrás das roupagens das motivações pessoais dos mobilizados: educação, saúde, “qualidade de vida”, problemas e sonhos individuais, mas, antes de tudo, salários.

Nos momentos da crise fundamental do sistema social e do modelo civilizatório da modernidade, à mobilidade acrescenta-se a flexibilidade. A crise do processo de modernização foi mais longe nas suas depravações. Da “crise do fordismo” à revolução micro-eletrônica da automação e à ofensiva da globalização com métodos de um “far-west” neoliberal, presenciamos uma ampla flexibilização e desregulação dos mercados e das relações de trabalho. A palavra mágica da flexibilização implicava em pôr à disposição a força-de-trabalho na porção e no tempo desejados. O clássico liberalismo econômico radical e, a todo vapor, o neoliberalismo dos anos noventa, criaram empregos precários, desemprego e uma zona híbrida de uma assim chamada informalidade de micro e mini-empresários, em geral prestadores de serviços terceirizados.

No ciclo acelerado das conjunturas, qualificações envelhecem rapidamente e as soluções estão na busca de dois ou três (sub)empregos, no engajamento do jovem acadêmico como vendedor no McDonalds, do advogado como corretor de imóveis, da secretária como vendedora de artesanato na pracinha e do doutor em filosofia como motorista de táxi. Metalúrgicos, torneiros e serralheiros sobrevivem como subempregados multifuncionais ou autônomos, pseudo-empresários de si mesmo, na montanha russa do percurso social crítico.

A migração, deslocamento em ritmo crescentemente acelerado, sempre está presente neste processo da precarização do trabalho “just in time”: no campo e na cidade, no Japão e no ABC paulista.

O mundo contemporâneo, cada vez mais subordinado às coerções de uma economia do mercado totalitário e até os últimos poros monetarizado, parece ter criado na sua crise uma nova condição humana: o “homem flexível”, sujeitado plenamente ao ideal do valor de troca. Atendendo às imposições sociais formam-se flexi-identidades para as condições de vida precárias.

Enquanto o migrante mobilizado “de antigamente” ainda podia sonhar com a volta para o lugar onde o seu cordão umbilical estava enterrado, o migrante flexibilizado pós-modernamente assumiu o “anything goes” e “goes” e “goes” andando sem saber bem para onde. Mais ainda do que o mobilizado, o errante da flexibilização perde pontos de fuga e redes de salvação. No mundo do sujeito flexibilizado, o indivíduo-mônade vê cada vez menos motivos de se relacionar com o outro se não for com extrema desconfiança e insegurança. Os flexibilizados são explorados sem solidariedade, solitários estressados com medos e paranóias.

Numa hora dessas, alguns intelectuais da consciência dominante censuram os “não-flexíveis” resistentes e, em vez de criticar a desgraça autodestrutiva da lógica da concorrência, sugerem festejar a ilusão do “potencial emancipativo da nova flexibilidade”, que certos sociólogos também gostam de chamar cinicamente de “pluralização dos estilos de vida”.

*Heinz Dieter Heidemann*